

## MODALIDADES DE ESPORTES NÃO TRADICIONAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA INTERDISCIPLINAR NO ÂMBITO DO PIBID

Ingrid Schroeder Lopes<sup>1</sup>  
Letícia Moralles Scaglioni<sup>2</sup>  
Lucas Silva Ferreira<sup>3</sup>  
Regis Rost Retzlaf<sup>4</sup>  
Luciana Toaldo Gentilini Ávila<sup>5</sup>

### RESUMO

Este relato de experiência tem como objetivo apresentar o planejamento, o desenvolvimento e a implementação das atividades realizadas no terceiro trimestre de 2025 pelo subprojeto interdisciplinar de Educação Física e Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande - Furg, no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). As ações foram desenvolvidas na Escola Estadual de Ensino Fundamental Almirante Tamandaré, situada no bairro Parque Marinha, no município de Rio Grande (RS), envolvendo práticas pedagógicas voltadas aos anos iniciais do Ensino Fundamental, especificamente nas turmas de 3º, 4º e 5º ano. A proposta pedagógica teve como foco a ampliação do repertório cultural das crianças por meio do ensino de esportes não convencionais, em consonância com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e com vistas ao desenvolvimento integral. A intervenção, desenvolvida ao longo de 12 semanas, contemplou as modalidades de frescobol, peteca, punhobol e futebol para cegos, priorizando práticas lúdicas, socializadoras e o uso de materiais diversificados, alguns confeccionados pelos próprios alunos. Os resultados indicaram que a vivência de práticas esportivas não convencionais favoreceu o desenvolvimento de competências motoras básicas, como equilíbrio e coordenação, além de fortalecer os vínculos interpessoais nas atividades realizadas em duplas e grupos. Logo, conclui-se que a inserção de modalidades que extrapolam as práticas tradicionais qualifica a formação escolar ao valorizar a ludicidade e a diversidade cultural no contexto da Educação Física escolar.

**Palavras-chave:** Educação Física Escolar; Ensino; Modalidades Esportivas não Tradicionais; Pedagogia; PIBID.

1 Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande - RS, [ingridinha@gmail.com](mailto:ingridinha@gmail.com) ;

2 Graduando pelo Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande - RS, [lmscaglioni@yahoo.com.br](mailto:lmscaglioni@yahoo.com.br);

3 Graduando do Curso de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande - RS, [lucas.17.ferreira.s@gmail.com](mailto:lucas.17.ferreira.s@gmail.com);

4 Graduando do Curso de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande - RS, [retzlafregis@gmail.com](mailto:retzlafregis@gmail.com);

5 Professor orientador: titulação, Faculdade Ciências - UF, [lutoaldo@msn.com](mailto:lutoaldo@msn.com).



## INTRODUÇÃO

A formação docente e a qualificação das práticas pedagógicas na escola básica têm sido temas amplamente discutidos no campo da educação, especialmente no que se refere à articulação entre universidade e escola. Nesse contexto, o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) se constitui como uma importante política pública de formação inicial de professores, ao possibilitar que estudantes de licenciatura vivenciem experiências concretas no cotidiano escolar, articulando conhecimentos teóricos e práticos.

No âmbito da Educação Física escolar, essa aproximação torna-se ainda mais relevante quando se busca ampliar as possibilidades de ensino para além das práticas esportivas tradicionalmente presentes na escola. A diversificação dos conteúdos e das experiências corporais contribui para a ampliação do repertório cultural dos estudantes e para a promoção de aprendizagens que contemplam diferentes dimensões do desenvolvimento humano, em consonância com as orientações da Base Nacional Comum Curricular. Essa perspectiva de diversificação alinha-se à Abordagem Desenvolvimentista de Gallahue e Donnelly (2008), que estabelece a aquisição de habilidades de movimento como objetivo primário. Segundo os autores, o "aprender a mover-se" e o "aprender através do movimento" permitem que a Educação Física influencie positivamente tanto o domínio motor quanto os domínios cognitivo e afetivo (sócio-emocional) das crianças.

Dessa forma, iniciativas que valorizam práticas corporais diversificadas e interdisciplinares podem favorecer experiências pedagógicas mais significativas nos anos iniciais do Ensino Fundamental, período marcado por intensos processos de desenvolvimento motor, cognitivo e social. Logo, a inserção de esportes não convencionais no contexto escolar configura-se como uma estratégia pedagógica capaz de promover o engajamento dos alunos, ampliar suas vivências corporais e contribuir para uma formação mais integral. Para que essa prática seja efetivamente qualificada, a formação dos pibidianos envolveu o uso de diários de aula como instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional. Assim, conforme Zabalza (2008), o registro sistemático em diários de bordo possibilita uma análise reflexiva sobre o cotidiano escolar, permitindo ao futuro professor compreender e aprimorar sua própria prática pedagógica.

Nesse contexto, o objetivo deste relato de experiência é apresentar o planejamento, o desenvolvimento e a implementação das atividades realizadas no terceiro trimestre de 2025 pelo subprojeto interdisciplinar de Educação Física e Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande - Furg, no âmbito do PIBID. As ações foram desenvolvidas na Escola Estadual de



Ensino Fundamental Almirante Tamandaré, situada no bairro Parque Marinha, no município de Rio Grande (RS), envolvendo práticas pedagógicas voltadas às turmas de 3º, 4º e 5º ano.

## **METODOLOGIA**

O presente trabalho foi desenvolvido na E.E.E.F. Almirante Tamandaré, localizada na cidade de Rio Grande - RS, através do PIBID. Os bolsistas, juntos de seu supervisor, planejaram as atividades do 3º trimestre de 2025, onde escolheram como conteúdo os esportes não convencionais.

O trimestre foi dividido em 12 semanas, nas quais 2 foram planejadas pelo supervisor, e 10 pelos bolsistas, onde cada um planejou para uma semana específica. Os esportes selecionados para o trimestre foram os jogos campeiros, frescobol, tênis, badminton, punhobol e o futebol de cegos.

Nas primeiras semanas foram os jogos campeiros, onde o supervisor levou o TETARFE (Tejo, Tava, Argola e Ferradura), e a proposta foi uma continuação da semana anterior, devido a semana farroupilha e o dia do gaúcho, comemorado no dia 20/09. Nesta prática, os alunos puderam vivenciar alguns jogos tradicionais da cultura gaúcha, utilizando os materiais tradicionais em algumas ocasiões, e adaptados em outras, para melhor experiência.

Nas seguintes semanas ocorreram as práticas do frescobol e tênis, e para essa didática dividimos em 3 momentos. Primeiro passou-se uma parte conceitual, mostrando os esportes com raquetes em geral, para que os alunos conhecessem as mais diversas modalidades. Em um segundo momento, utilizamos o frescobol para introduzir a prática dos esportes com raquetes, para os alunos se acostumarem com o objeto. Por fim, fizemos mini-jogos, simulando a partida de tênis, com o objetivo das crianças vivenciarem o esporte, embora ainda utilizando alguns materiais adaptados para tal.

Nas outras semanas demos continuidade aos esportes com raquete, porém nesse momento com o badminton. O planejamento dessa etapa se dividiu em duas partes, a primeira com a confecção das petecas, onde levamos materiais e cada aluno montou a sua. A segunda parte foi a prática, onde os alunos vivenciaram mais o esporte, porém de maneira adaptada, utilizando a mão como raquete, sendo possível a realização de mini-jogos de badminton.

Depois, o esporte foi alterado, e entramos em esportes de rede e parede, mais especificamente o punhobol, devido ao fato da sua semelhança com o vôlei, porém sendo mais fácil de aprender a jogar. Assim como as demais modalidades, foi feita uma parte teórica



para introduzir o esporte, e depois sim fomos a prática, de início fazendo apenas passes um para o outro, exercitando o movimento, e por fim o jogo de fato. Vale ressaltar que, assim como os outros esportes, fizemos pequenas adaptações, principalmente na questão da bola, utilizando a de vôlei, e não a do próprio punhobol, o que não interferiu de maneira significativa nas atividades.

Para finalizar o trimestre, nas semanas finais, trouxemos os esportes de invasão como base, definindo o futebol de cegos como a prática escolhida. Para tal, também iniciamos com uma parte conceitual aos alunos, para que entendessem as regras e a importância do esporte, e em um segundo momento, proporcionamos a prática. Para essa etapa, iniciamos apenas com atividades sensoriais, para que as crianças se adaptassem com as práticas vendadas, e por fim, introduzimos a bola. A escola tinha disponível a bola com guizos, o que facilitou nossa atuação, nós não proporcionamos aos alunos uma partida de futebol de cegos, mas mostramos a condução, passe e chute, para que pudessem ter essa vivência no âmbito escolar.

É importante ressaltar que, para cada esporte escolhido, tanto o supervisor quanto os bolsistas precisaram aprender mais profundamente sobre a modalidade, para levar as atividades à escola. Ademais, o processo de adaptação de materiais também foi fundamental, para que os alunos tivessem a oportunidade de vivenciar tais esportes dentro do ambiente escolar.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

A fundamentação teórica deste relato sustenta-se na abordagem Desenvolvimentista da Educação física, que coloca a aquisição de habilidades de movimento como o objetivo primário para crianças em idade escolar. Assim, conforme Gallahue e Donnelly (2008), o foco desta perspectiva é auxiliar o aluno a tornar-se um praticante hábil e expressivo através das habilidades motoras fundamentais e especializadas. No contexto dos anos iniciais (3º ao 5º ano), o trabalho pedagógico deve equilibrar o "aprender a mover-se", focado na competência motora e saúde, e o "aprender através do movimento", que utiliza a atividade física para estimular os domínios cognitivo e afetivo/social. Dessa maneira, a escolha de modalidades não convencionais justifica-se pela necessidade de oferecer desafios que desenvolvam as habilidades de locomoção, estabilização e manipulação de forma diversificada.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A implementação das atividades ao longo do terceiro trimestre de 2025 demonstrou que a introdução de esportes não convencionais foi uma ferramenta de extrema importância



para incluir todos os estudantes nas aulas de Educação Física. Assim, observamos que ao sairmos das modalidades tradicionais, como o futsal ou o vôlei, conseguimos envolver inclusive aqueles estudantes que costumam se retrair por sentirem vergonha de não dominarem os esportes mais comuns. Dessa forma, o fato de ser um aprendizado novo para toda a turma, nivelou as oportunidades e fortaleceu os vínculos interpessoais, criando um ambiente de maior cooperação entre as crianças.

No início do cronograma, com os jogos campeiros, notamos uma falta de identificação cultural dos alunos com as práticas gaúchas já que eles não conheciam as atividades. Porém, o uso do material de TETARFE permitiu que os alunos compreendessem o esporte também como um elemento histórico e regional. Já nas semanas dedicadas aos esportes de raquete, o foco foi a adaptação, nessa etapa de confecção das petecas pelos próprios alunos, ficou ainda mais evidente a união e interdisciplinaridade entre Pedagogia e a Educação Física, de forma prática, criando uma relação de cuidado com o material.

Ademais, a transição para o punhobol também trouxe resultados positivos, principalmente pela facilidade de execução em comparação ao tradicional vôlei. Ainda, para finalizar o trimestre, a experiência com o futebol de cegos foi o momento de maior sensibilização, pois o uso das vendas e da bola com guizos exigiu que os alunos desenvolvessem a confiança no colega e o uso de outros sentidos, como a audição e o tato. Então, essa vivência gerou debates importantes sobre acessibilidade, empatia, cooperação e comunicação, mostrando que a Educação Física escolar pode, e deve, abordar questões sociais através do movimento, junto da teoria.

Para nós, enquanto bolsistas do PIBID, o processo de planejar e executar essas oito semanas de aula reforçou a importância da formação contínua, tivemos que estudar modalidades que não dominamos para conseguir ensiná-las, o que nos desafiou a pensar em adaptações constantes de regras e materiais que tivéssemos disponíveis. Portanto, o resultado final apresentado mostra que a diversificação dos conteúdos vai além de uma simples mudança de atividade, ela é o caminho para que a Educação Física escolar ofereça experiências completas e motivadoras, dessa forma, discutir e aplicar modalidades não convencionais permite que a escola seja um espaço de descoberta para todos os estudantes, servindo como um exemplo de como a ampliação do repertório cultural pode qualificar o ensino em diferentes contextos escolares.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do desenvolvimento das atividades ao longo do terceiro trimestre de 2025, foi possível identificar a importância da inserção dos esportes não convencionais no contexto das aulas, que teve aspectos positivos em relação à participação e envolvimento dos alunos nas práticas. Também como o planejamento realizado pelos IDS, trazendo adaptações conforme a realidade dos alunos e da escola e oferecendo um repertório de novas modalidades aos alunos. Nesse sentido, a experiência no PIBID contribuiu diretamente para a construção da prática docente, uma vez que está relacionada à “construção de experiências docentes e o aprender a trabalhar em grupo” (PINTO et al., 2023, p. 2).

A escolha dos conteúdos foi fundamental para trazer experiências que fogem do que normalmente é trabalhado nas aulas. Além disso, o fato de muitas dessas práticas serem novidades aos alunos, contribuiu para a aplicação dos planejamentos, visto que pelo fato de serem novas práticas, houve uma diminuição da diferença entre os alunos, visto que todos estavam experimentando o novo, favorecendo assim a maior participação e interação dos mesmos com a aula e entre si.

Os resultados apontam que a diversificação das aulas pode aumentar o interesse dos estudantes, principalmente os que participam menos das atividades. Também como o desenvolvimento de aspectos como cooperação, respeito, e empatia com os alunos, trazendo reflexões sobre a inclusão e acessibilidade e sua relevância, pois estamos trazendo o esporte adaptado como objeto de conhecimento nas aulas de Educação Física escolar, levando em consideração sua relevância no processo de aprendizagem e a garantia do direito à inclusão e à educação pautada na formação integral de todos(as) os(as) alunos(as).” (SILVA, 2021, p. 22-23).

Assim, entende-se que a proposta de trabalhar com esportes convencionais vai além de apenas várias as atividades, mas sim oportunizar aprendizagens significativas e trabalhar os contextos sociais de inclusão de forma significativa, destacando a importância de trabalhar esse tipo de conteúdo e reforçando a proposta como âmbito de ampliação de estudos sobre a temática, considerando diferentes contextos escolares e fortalecendo a aprendizagem no que concerne o PIBID e as escolas.



## REFERÊNCIAS

GALLAHUE, David L.; DONNELLY, Frances Cleland. **Educação Física Desenvolvimentista para Todas as Crianças**. 4. ed. São Paulo: Phorte, 2008.

PINTO, Joana Barroco; ÁVILA, Luciana Toaldo Gentilini; GONÇALVES, Arisson Vinícius Landgraf; HECKTHEUER, Luiz Felipe Alcantara. **Perspectiva de ex-pibidianos/as do subprojeto PIBID Educação Física na FURG sobre a formação inicial**. Revista Pensar a Prática, v. 26, e.72732, p. 1-24, 2023.

SANTOS, Vanessa Higino dos. **Educação física escolar: esportes adaptados para a inclusão de alunos com deficiência**. 2024. 58 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física) – Universidade Federal de Alagoas, Instituto de Educação Física e Esporte, Maceió, 2024.

ZABALZA, Miguel. **Diários de aula: um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

